



COMPENSEM O TRABALHO, NÃO A RIQUEZA

Para pôr fim ao estado de desigualdades no qual estamos, precisamos construir uma economia voltada para os trabalhadores, não só para os super-ricos.

www.oxfam.org.br



OXFAM

O ano passado registrou o maior aumento no número de bilionários da história – um novo bilionário a cada dois dias. Esse aumento teria sido suficiente para acabar mais de sete vezes com a pobreza extrema global. Oitenta e dois por cento de toda a riqueza gerada no ano passado ficaram nas mãos do 1% mais rico e nada ficou com os 50% mais pobres.

O trabalho insalubre e mal remunerado de muitos garante a riqueza extrema de poucos. As mulheres estão nos piores postos de trabalho e quase todos os bilionários do planeta são homens. Governos devem criar uma sociedade mais igualitária, priorizando trabalhadores e pequenos produtores de alimentos e não os super-ricos e poderosos.

Este artigo é dedicado às mulheres e homens ao redor do mundo que lutam contra a desigualdade e a injustiça, muitas vezes com grande risco para si mesmos, diante de crescente repressão na maioria dos países.

© Oxfam Internacional. Janeiro de 2018

Este relatório foi escrito por Diego Alejo Vázquez Pimentel, Iñigo Macías Aymar e Max Lawson. A Oxfam agradece as contribuições de Deborah Hardoon, Alex Maitland, Nick Bryer, Milena Dovali, Erinch Sahan, Franziska Mager, Rowan Harvey, Francesca Rhodes, Diana Sarosi e Helen Bunting na sua produção. Os autores agradecem a diversos especialistas que generosamente contribuíram com seu conhecimento: Christoph Lakner, Branko Milanovic, Brina Seidel, Jason Hickel, Danny Dorling, Jessica Woodroffe, Abigail Hunt, Alison Tate, Gemma Freedman, Maura Leary, Kate Pickett, Isabel Ortiz, Mike Savage, Gabriel Zucman, Jonathan Ostry, Lucas Chancel, Patrik Belser, Ana Ines Abelenda, Paul Segal e Chris Hoy. Este texto faz parte de uma série de relatórios elaborados para subsidiar debates públicos sobre questões relacionadas a políticas de desenvolvimento e humanitárias.

Para mais informações sobre as questões abordadas neste documento, envie um e-mail para Oxfam Brasil contato@oxfam.org.br.

Esta publicação é protegida por direitos autorais, mas seu texto pode ser usado gratuitamente em ações de incidência, em campanhas e para fins educacionais e de pesquisa, desde que a fonte seja citada na íntegra. O titular dos direitos autorais solicita que todas essas utilizações sejam registradas para que seus impactos possam ser devidamente avaliados. Para cópias em quaisquer outras circunstâncias, reutilização em outras publicações, tradução ou adaptação, será necessário solicitar a permissão do titular dos direitos e poderá ser cobrada uma taxa. E-mail contato@oxfam.org.br

As informações contidas nesta publicação estão corretas no momento da sua impressão.

Publicado pela Oxfam GB para Oxfam Internacional sob

ISBN 978-1-78748-135-0 em janeiro de 2018.

DOI: 10.21201/2017.1350

Oxfam GB, Oxfam House, John Smith Drive, Cowley, Oxford, OX4 2JY, UK.

Foto da capa: Jovens trabalhadoras em uma fábrica de vestuário em Bangladesh. Foto: Jonathan Silvers/Saybrook Productions

Documento originalmente escrito em inglês. Tradução ao português feita por Master Language Traduções e Interpretações Ltda.

OXFAM

A Oxfam é uma confederação internacional de 20 organizações que trabalham em rede em mais de 90 países como parte de um movimento global em prol de mudanças necessárias e no intuito de construir um futuro livre da injustiça da pobreza. Para obter informações adicionais, entre em contato com qualquer dessas organizações ou visite o site www.oxfam.org.br.

Oxfam África do Sul (www.oxfam.or.za)

Oxfam Alemanha (www.oxfam.de)

Oxfam América (www.oxfamamerica.org)

Oxfam Austrália (www.oxfam.org.au)

Oxfam na Bélgica (www.oxfamsol.be)

Oxfam Brasil (www.oxfam.org.br)

Oxfam Canadá (www.oxfam.ca)

Oxfam França (www.oxfamfrance.org)

Oxfam GB (www.oxfam.org.uk)

Oxfam Hong Kong (www.oxfam.org.hk)

Oxfam IBIS (Dinamarca) (<http://oxfamibis.dk>)

Oxfam Índia (www.oxfamindia.org)

Oxfam Intermón (Espanha) (www.oxfamintermon.org)

Oxfam Irlanda (www.oxfamireland.org)

Oxfam Itália (www.oxfamitalia.org)

Oxfam Japão (www.oxfam.jp)

Oxfam México (www.oxfamexico.org)

Oxfam Nova Zelândia (www.oxfam.org.nz)

Oxfam Novib (Holanda) (www.oxfamnovib.nl)

Oxfam Québec (www.oxfam.qc.ca)

PREFÁCIO

A campanha da Oxfam e o apelo à ação são muito oportunos, porque a crise da desigualdade é real. Como o relatório aponta, em muitos países a desigualdade salarial aumentou e a participação da remuneração trabalhista no PIB diminuiu porque os lucros aumentaram mais rapidamente do que os salários. Embora a proporção de renda dos 1% que estão no topo tenha crescido substancialmente, muitos outros não compartilharam os frutos do progresso econômico. Mesmo em países emergentes com rápido crescimento econômico, muitos trabalhadores, incluindo uma parte desproporcionalmente grande de mulheres, permanecem presos a salários baixos e de pobreza.

A pesquisa realizada como parte deste relatório da Oxfam confirma que a maioria das pessoas quer viver em sociedades muito mais iguais. Refletindo essas preocupações, a redução da desigualdade aumentou rapidamente a sua importância na agenda de instituições globais e líderes mundiais. Isso se reflete mais proeminentemente nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 das Nações Unidas, onde o Objetivo 10 é um chamado para "reduzir a desigualdade dentro e entre os países" e o Objetivo 8 clama por um crescimento econômico inclusivo, com emprego completo e produtivo e trabalho decente para todos. Eu não poderia concordar mais com o relatório da Oxfam quando afirma que "empregos dignos, com salários dignos são essenciais para a criação de sociedades mais justas" e que a chave para reduzir a desigualdade é "trabalho decente e bem pago".

- Guy Rider, Diretor-Geral da Organização Internacional do Trabalho (OIT)

ENDOSSOS

Nenhum grupo do mundo fez mais do que a Oxfam para trazer à luz a coexistência da riqueza extrema e da pobreza extrema e as medidas necessárias para mover o mundo para a justiça social com menores desigualdades de renda e riqueza. O mundo inteiro assinou os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, com o ODS 10 chamando todas as nações para que reduzam a desigualdade dentro e entre os países. O novo relatório da Oxfam é leitura obrigatória para se alcançar o ODS 10 e abre novas idéias e abordagens. O relatório certamente vai gerar atenção e controvérsia - como deve ser. Às vezes, os super-ricos chamam a Oxfam e outros por "fazerem guerra de classes", mas a verdade é que em muitas sociedades, incluindo a minha, os Estados Unidos, muitos dos super-ricos declararam guerra aos pobres. A necessidade urgente é reequilibrar as mesas, defender os direitos dos pobres e restabelecer sociedades justas que atendam às necessidades de todos, de acordo com os objetivos acordados globalmente.

- Jeffrey D. Sachs, Professor da Universidade de Columbia, Diretor da Rede de Soluções para o Desenvolvimento Sustentável (UN SDSN, por sua sigla em inglês)

A receita para reduzir a desigualdade para as famílias trabalhadoras e garantir o trabalho decente é simples: um salário mínimo com o qual se possa viver, proteção social e o cumprimento pelas empresas dos direitos humanos e trabalhistas. A liberdade de associação e os direitos de negociação coletiva são facilitadores fundamentais. Os trabalhadores precisam do volume adicional da voz coletiva para se fazerem ouvir. Os governos devem agir. As empresas devem enfrentar suas responsabilidades. A Oxfam está certa - a economia global vai diminuir com muitos bilionários. Uma economia para pessoas trabalhadoras, e não proprietários ricos, acabará com a crise da desigualdade.

- Sharan Burrow, Secretária Geral, Confederação Sindical Internacional (ITUC, por sua sigla em inglês)

Devido à alta e crescente desigualdade dentro dos países, o 1% dos indivíduos mais ricos do mundo capturaram o crescimento duas vezes mais que os 50% mais pobres desde 1980. A riqueza está disparando no topo e ficando entricheirada. A pesquisa da Oxfam, que descreve essas tendências preocupantes, é uma leitura essencial. Agora é hora de recompensar o trabalho, não a riqueza.

- Gabriel Zucman, Universidade da Califórnia, Berkeley

Este relatório confirma o que os trabalhadores conhecem há anos: a maioria dos benefícios anunciados da globalização são reservados para uma elite global que se considera intocável. Os mitos do modelo atual de globalização estão entrando em colapso como uma casa de cartas e com ela a credibilidade de seus defensores e a confiança nas instituições políticas. Evasão descarada de impostos corporativos, privatizações, cortes de serviços e décadas de salários estagnados não ocorreram por acidente. É necessária uma ação urgente e radical para financiar serviços públicos universais, trabalho decente e redistribuir riqueza. A alternativa é o aumento contínuo do populismo, do racismo e do medo na extrema direita. Fomos avisados.

- Rosa Pavanelli, Secretária Geral da Internacional de Serviços Públicos (PSI, por sua sigla em inglês)

"Recompensem o trabalho, não a riqueza" mostra que os trabalhadores precisam de sindicatos e do direito à negociação coletiva mais do que nunca. As pessoas precisam de salários com os quais possam viver com dignidade. Mas a ganância descontrolada das empresas está acelerando a desigualdade e a insegurança. A negociação coletiva mais generalizada reequilibraria a economia global para que essa funcione para todos, não apenas para o 1%. É hora de os governos atuarem.

- Frances O'Grady, Secretário Geral do UK Trades Union Congress (TUC)

Oxfam mudou a forma como o mundo pensa sobre a desigualdade. Agora é a hora de parar de falar em Davos e começar a trabalhar para criar a maior igualdade que tantos milhões demandam.

- Danny Dorling, Universidade de Oxford

A Oxfam continua a oferecer uma excelente pesquisa sobre a crise global da desigualdade. Sua mensagem é clara: temos uma economia que atende os interesses do 1%. Se queremos curar nosso mundo fraturado e instável, precisamos mudar de rumo - e rápido.

- Jason Kickel, Goldsmiths - Universidade de Londres

RESUMO EXECUTIVO

Em 2016, os dividendos anuais das ações da matriz da rede varejista de moda Zara pagos ao quarto homem mais rico do mundo, Amancio Ortega, somaram aproximadamente € 1,3 bilhão.¹ Stefan Persson, cujo pai fundou a H&M², foi classificado em 43º lugar na lista Forbes de pessoas mais ricas do mundo e recebeu € 658 milhões de dividendos no ano passado³.

Anju trabalha em Bangladesh costurando roupas para exportação. Frequentemente, ela trabalha 12 horas por dia, até tarde da noite. Muitas vezes ela pula algumas refeições porque não ganhou dinheiro suficiente. Ela ganha pouco mais de \$ 900 dólares por ano⁴.

O ano passado registrou o maior aumento no número de bilionários da história: um a mais a cada dois dias. Atualmente, há 2.043 bilionários em todo o mundo. Nove entre dez são homens.⁵ A riqueza desses bilionários também aumentou consideravelmente, em um nível que seria suficiente para acabar com a pobreza extrema por mais de sete vezes. De toda a riqueza gerada no ano passado, 82% foram parar nas mãos do 1% que está no topo, enquanto os 50% mais pobres não viram nada.⁶

Salários dignos e trabalho decente para os trabalhadores do mundo são fundamentais para acabar com o estado de desigualdade em que vivemos. Em todo o mundo, nossa economia do 1% é construída nas costas de trabalhadores mal remunerados, frequentemente mulheres, que recebem baixos salários e são privados de direitos básicos. É construída nas costas de trabalhadoras como Fatima, em Bangladesh, que trabalha costurando roupas para exportação. Ela regularmente sofre abusos quando não consegue atingir as metas e fica doente porque não pode usar o banheiro⁷. É construída à custa de trabalhadoras como Dolores, que trabalha em frigoríficos de frangos nos Estados Unidos e desenvolveu uma deficiência permanente que não lhe permite segurar seus filhos pela mão.⁸ É construída nas costas de imigrantes que trabalham como faxineiras em hotéis, como Myint na Tailândia⁹, que é assediada sexualmente por hóspedes do sexo masculino e não tem alternativa senão aguentar calada para não perder seu emprego.

Este estudo analisa o aumento da riqueza extrema e a situação dos que trabalham, mas vivem na pobreza. Investiga por que isso está acontecendo e faz recomendações para que essa situação possa ser corrigida.

“Quando fiquei grávida, eles me deixaram trabalhar no estoque. Havia muitas caixas cheias de sapatos e meu trabalho era carimbá-las. Os sapatos são muito bons e caberiam perfeitamente no meu filho. Gostaria que ele tivesse sapatos como aqueles, mas ele não pode. Eu penso que ele gostaria de tê-los e fico triste por isso. Os sapatos são muito bonitos. Você sabe que um par de sapatos que nós fazemos vale mais que todo o mês de salário.”

- Lan, trabalhadora de vestuário, Vietnã

MENOS PALAVRAS E MAIS AÇÃO PARA DAR ÀS PESSOAS O QUE ELAS QUEREM: UM MUNDO MAIS IGUAL

Hoje em dia, é difícil encontrar um líder político ou empresarial que não se diga preocupado com as desigualdades. No entanto, são ações – e não palavras – que contam, e nesse aspecto a maioria dos nossos líderes deixa a desejar. Na verdade, muitos promovem ativamente políticas que podem aumentar a desigualdade. O Presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, foi eleito com a promessa de ajudar trabalhadores, mas nomeou um ministério de bilionários e está pressionando pela aprovação de grandes reduções de impostos para o 1% mais rico.¹⁰ O presidente Buhari da Nigéria, disse acreditar que a desigualdade está gerando uma onda crescente de raiva e frustração,¹¹ não obstante existe a suspeita de que bilhões em riqueza de petróleo estejam sendo roubados naquele país, ao mesmo tempo em que a desigualdade continua a aumentar e 10 milhões de crianças ainda estão fora da escola.¹² Oxfam e *Development Finance International* compilaram um índice detalhado de 152 ações governamentais de combate às desigualdades e a maioria dos governos não tem, vergonhosamente, tomado as mínimas medidas necessárias para eliminá-las.¹³

Quadro 1: Por um mundo mais igualitário¹⁴

Para elaborar este documento, a Oxfam entrevistou mais de 70 mil pessoas em 10 países que representam um quarto da população mundial:

- Mais de três quartos das pessoas concordam ou concordam enfaticamente que a distância entre ricos e pobres em seu país é muito grande, variando de 58% na Holanda a 92% na Nigéria.
- Quase dois terços dos entrevistados nos 10 países acreditam que a distância entre ricos e pobres precisa ser resolvida urgentemente ou muito urgentemente.
- 60% do total de entrevistados concordam ou concordam enfaticamente que o governo é responsável por reduzir a distância entre ricos e pobres. Na África do Sul são 69%.
- 75% dos entrevistados preferem níveis de desigualdade de renda mais baixos que os registrados no seu país. Na verdade, mais da metade dos entrevistados desejam ter níveis de desigualdade no seu país mais baixos que os registrados em qualquer país no mundo.

REPRIMAM AS DESIGUALDADES, NÃO A DEMOCRACIA

Em todos os países nos quais a Oxfam atua, o espaço para cidadãos levantarem suas vozes está sendo fechado e a liberdade de expressão reprimida. Civicus, uma aliança global dedicada a fortalecer cidadãos, observou que as liberdades civis estão sob séria ameaça em mais de 100 países.¹⁵

“Para a minha geração, não há volta para o período anterior à revolução. Nossos olhos foram abertos. E, embora oprimidos, estamos nos reestruturando e nos organizando para combater a desigualdade econômica e a injustiça.”

– **Ghouson Tawfik, Plataforma de Justiça Social, Egito**

Segundo uma famosa declaração do Ministro da Suprema Corte dos Estados Unidos, Louis Brandeis, “podemos ter democracia neste país ou fortunas concentradas nas mãos de poucos, mas não podemos ter ambos”.¹⁶ Nossos líderes sabem disso, mas em vez de agir para reduzir a concentração de riqueza e a desigualdade, estão optando por suprimir a democracia e a liberdade para demandar uma sociedade mais justa.

“Podemos ter democracia neste país ou fortunas concentradas nas mãos de poucos, mas não podemos ter ambos.”

– **Louis Brandeis, ex-Ministro da Suprema Corte dos Estados Unidos**

A VISTA DESDE O TOPO

Quadro 2: A bonança dos bilionários¹⁷

Diante dessa inércia, o estado de desigualdades continua a piorar, já que os benefícios do crescimento econômico continuam a se concentrar em poucas mãos.

- O ano passado registrou o maior aumento no número de bilionários da história, com um bilionário a mais a cada dois dias. Atualmente, há 2.043 bilionários (em dólares) em todo o mundo. Nove entre dez deles são homens.¹⁸
- Em 12 meses, a riqueza desse grupo de elite aumentou US\$ 762 bilhões – o suficiente para acabar mais de sete vezes com a pobreza extrema.¹⁹
- No período entre 2006 e 2015, os trabalhadores viram suas rendas aumentarem em média 2% a cada ano,²⁰ enquanto a riqueza dos bilionários aumentou próximo de 13% ao ano, quase seis vezes mais rápido.²¹
- Oitenta e dois por cento de todo crescimento na riqueza gerada no último ano foram para o 1% mais rico, enquanto a metade mais pobre da humanidade não viu nenhum aumento.²²
- Enquanto os bilionários viram suas fortunas aumentarem em US\$ 762 bilhões em um ano, as mulheres fornecem, anualmente, US\$ 10 trilhões em cuidados não remunerados para sustentar a economia global.²³
- Novos dados divulgados pelo banco Credit Suisse significam que agora 42 pessoas detêm a mesma riqueza que os 3,7 bilhões de pessoas na base da pirâmide da distribuição de renda e que as estatísticas do ano anterior foram atualizadas de 8 para 61 pessoas que detinham o mesmo nível de riqueza que os 50% mais pobres.²⁴
- O 1% mais rico continua a deter mais riqueza que todo o restante da humanidade.²⁵

Em países de todo o mundo, esse quadro se repete. Em 2017, pesquisas realizadas pela Oxfam e outras entidades revelaram que:

- Na Nigéria, os juros recebidos pelo homem mais rico sobre sua fortuna em um ano seriam suficientes para retirar duas milhões de pessoas da pobreza extrema. A despeito de quase uma década de crescimento econômico robusto na Nigéria, a pobreza aumentou ao longo do mesmo período no país.²⁶
- Na Indonésia,²⁷ os quatro homens mais ricos concentram mais riqueza que as 100 milhões de pessoas mais pobres.
- As três pessoas mais ricas dos Estados Unidos detêm a mesma riqueza que a metade mais pobre da população do país (cerca de 160 milhões de pessoas).²⁸
- No Brasil, uma pessoa que ganha um salário mínimo precisaria trabalhar 19 anos para ganhar o mesmo que uma pessoa do grupo do 0,1% mais rico ganha em um mês.²⁹

A riqueza extrema que não vem do trabalho

A justificativa econômica predominante para a desigualdade é que ela oferece incentivos à inovação e ao investimento. Nos é dito que os bilionários são a prova suprema dos benefícios do talento, do trabalho duro e da inovação e que esses elementos beneficiam todos nós.³⁰

“A desigualdade aumenta a cada dia. Os trabalhadores estão frustrados, seus salários não correspondem ao custo de vida. Isso se deve à crescente brecha entre ricos e pobres, que restringe quaisquer chances de prosperidade.”

– Tariq Mobeen Chaudray, Center for Finance for Development, Indus Consortium, Paquistão

No entanto, há evidências crescentes³¹ de que os níveis de desigualdade extrema registrados atualmente excedem em muito o que pode ser justificado por talento, esforço e disposição de assumir riscos. Na verdade, na maioria dos casos são produto de heranças, monopólios ou relações clientelistas com governo.

Aproximadamente um terço das fortunas bilionárias pode ser atribuído a heranças. Nos próximos 20 anos, 500 das pessoas mais ricas do mundo deixarão US\$ 2,4 trilhões para os seus herdeiros - uma soma maior do que o PIB da Índia, país com 1,3 bilhão de habitantes.³²

Os monopólios alimentam retornos excessivos aos proprietários e acionistas à custa do restante da economia. O poder do monopólio para gerar riqueza extrema é demonstrado pela fortuna de Carlos Slim, o sexto homem mais rico do mundo. Sua fortuna deriva de um monopólio quase completo que ele conseguiu estabelecer com serviços de comunicações (fixa, móveis e de banda larga) no México. A Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) descobriu que esse monopólio teve efeitos consideravelmente negativos para os consumidores e para a economia.³³

O poder monopolístico é acentuado pelo compadrio – a capacidade de interesses privados poderosos de manipular políticas públicas no intuito de consolidar monopólios existentes e criar outros. Acordos de privatizações, recursos naturais concedidos por valores muito abaixo do que seria justo, corrupção nas compras e contratos públicos ou isenções fiscais e brechas jurídicas são todos mecanismos pelos quais interesses privados com relações estreitas com o poder público podem enriquecer à custa do público em geral.

No total, a Oxfam calculou que aproximadamente dois terços das fortunas dos bilionários podem ser atribuídos a heranças, monopólios e compadrio.³⁴ Pesquisas realizadas pela Oxfam em 10 países revelam que mais da metade dos entrevistados acredita que, ainda que trabalhem duro, é difícil ou impossível para pessoas comuns aumentarem o dinheiro que têm.

As recompensas econômicas estão cada vez mais concentradas nas mãos dos mais ricos. Enquanto milhões de trabalhadores continuam a receber baixos salários, os retornos para acionistas e altos executivos dispararam.³⁵ Na África do Sul, os 10% mais ricos recebem metade do total de salários pagos, enquanto os 50% da força de trabalho ficam com apenas 12%.³⁶ Em pouco mais de um dia de trabalho, o diretor executivo de uma empresa americana ganha o mesmo que um trabalhador médio ganha em todo um ano.³⁷ Os homens são sempre os mais bem pagos.³⁸ Em média, são necessários somente um pouco mais de quatro dias para o diretor executivo de uma das cinco maiores empresas do setor de vestuário ganhar o mesmo que uma trabalhadora comum de Bangladesh levaria uma vida inteira para ganhar.³⁹

Os retornos auferidos por acionistas ricos vêm subindo cada vez e com frequência, aumentando implacavelmente o ônus imposto aos trabalhadores. Seriam necessários US\$ 2,2 bilhões por ano para que todos os 2,5 milhões de trabalhadores do setor de vestuário vietnamitas deixassem de ganhar o salário médio pago no país e passassem a receber um salário digno. Isso equivale a um terço do valor distribuído a acionistas pelas cinco maiores empresas do setor de vestuário.⁴⁰

Em muitos casos, as fortunas dos mais ricos são alimentadas pela evasão fiscal – praticada por indivíduos ricos e pelas empresas das quais são titulares ou acionistas. Usando uma rede global de paraísos fiscais, como revelado nos chamados Panamá e Paradise Papers, os super-ricos estão escondendo pelo menos US\$ 7,6 trilhões das autoridades fiscais.⁴¹ Uma nova análise do economista Gabriel Zucman para este documento mostrou que isso significa que o 1% mais rico vem sonogando cerca de US\$ 200 bilhões em impostos.⁴² Os países em desenvolvimento estão perdendo pelo menos US\$ 170 bilhões por ano em impostos não pagos por empresas e super-ricos.⁴³

Até mesmo bilionários que fizeram suas fortunas em mercados competitivos muitas vezes estão fazendo isso, diminuindo os salários e condições dos trabalhadores, forçando os países a uma corrida suicida para reduzir salários e direitos trabalhistas ao fundo do poço e aumentar isenções fiscais.

Ao mesmo tempo, as crianças mais pobres, especialmente as meninas, são condenadas a morrer pobres, uma vez que as oportunidades vão para crianças de famílias mais ricas.⁴⁴

“Os sonhos nascem lá, e os sonhos morrem lá.”

– Mildred Ngesa, da FEMNET: Rede Africana de Mulheres para o Desenvolvimento e a Comunicação, referindo-se à favela de Dandora em Nairóbi, próxima ao local em que foi criada.

A VISTA DESDE BAIXO

Desigualdade e pobreza

Entre 1990 e 2010, o número de pessoas que viviam em situação de pobreza extrema (ou seja, com menos de US\$ 1,90 por dia) caiu pela metade, e esse número vem diminuindo desde então.⁴⁵ Essa imensa conquista é algo de que o mundo deve se orgulhar. No entanto, se a desigualdade nos países não tivesse aumentado ao longo desse período, outras 200 milhões de pessoas teriam saído da pobreza.⁴⁶ Esse número poderia ter aumentado para 700 milhões se os pobres tivessem sido mais beneficiados pelo crescimento econômico do que seus concidadãos ricos.⁴⁷ Olhando para o futuro, o Banco Mundial deixou explícito que, a menos que eliminemos a brecha entre ricos e pobres, não conseguiremos alcançar, por uma larga margem, a meta de eliminar a pobreza extrema. Ainda que a meta de redução da pobreza em 3% seja alcançada, teremos cerca de 200 milhões de pessoas ainda vivendo com US\$ 1,90 por dia em 2030.⁴⁸

Também existem casos de pessoas que saíram da pobreza extrema mas frequentemente continuam muito pobres, endividadas e lutando intensamente para alimentar suas famílias. Muitas delas podem estar a apenas um passo de caírem na pobreza extrema novamente. Mais da metade da população mundial vive com US\$ 2 a US\$ 10 por dia.⁴⁹

Essa situação se deve ao fato de que apenas uma proporção reduzida do aumento da renda global ficou nas mãos da metade mais pobre da população nos últimos 25 anos. O recém-publicado “World Inequality Report” (Relatório de Desigualdade Mundial) do banco Credit Suisse mostra que o 1% mais rico capturou 27% do crescimento da renda global entre 1980 e 2016. Enquanto isso, os 50% mais pobres ficaram com a metade disso, ou seja, com 13%.⁵⁰ Para alguém enquadrado nos 10% mais pobres, a renda anual média aumentou menos de US\$ 3 em um quarto de século. Essa é uma forma profundamente ineficiente de se eliminar a pobreza: destinando somente 13 centavos de cada dólar de aumento da renda global para os 50% mais pobres e 42 centavos para os 10% mais ricos.⁵¹ Em vista dos limites ambientais do nosso planeta, essa abordagem também é absolutamente insustentável: considerando esse nível de desigualdade, a economia global precisaria ser 175 vezes maior apenas para permitir que todos passassem a ganhar mais de US\$ 5 por dia, o que seria ambientalmente catastrófico.⁵²

Desigualdade econômica e de gênero

A desigualdade econômica e a de gênero estão estreitamente inter-relacionadas. Embora a distância salarial entre os gêneros venha recebendo mais atenção na maioria dos países, a diferença de riqueza entre mulheres e homens é, geralmente, ainda maior. Em todo o mundo, mais homens do que mulheres são proprietários de terras, ações de empresas e outros bens de capital;⁵³ os homens recebem mais

para desempenhar as mesmas funções que as mulheres e estão concentrados em empregos de maior remuneração e *status*. Não é por acaso que as mulheres estão amplamente super-representadas em muitos dos empregos de pior remuneração e menos seguros.⁵⁴ Ao redor do mundo, normas sociais, atitudes e crenças desvalorizam o *status* e as habilidades das mulheres, justificam a violência e a discriminação de que são vítimas e determinam os empregos aos quais elas podem – ou não – se candidatar.

A desigualdade de gênero não é um acidente e nem é nova: nossas economias foram construídas por homens ricos e poderosos em benefício próprio. O modelo econômico neoliberal piorou essa situação – redução de serviços públicos, corte de impostos para os mais ricos e a corrida para baixo em matéria de salários e direitos trabalhistas afetaram mais as mulheres do que os homens.

Nossa prosperidade econômica depende também da enorme, embora não reconhecida, contribuição das mulheres por meio dos cuidados não remunerados que prestam. No Peru, por exemplo, estima-se que esses cuidados respondam por 20% do PIB.⁵⁵ Mulheres pobres são forçadas a prestar mais cuidados não remunerados do que mulheres mais ricas.⁵⁶

Para combater a desigualdade econômica extrema, precisamos acabar com a desigualdade de gênero. Da mesma forma, para garantir a igualdade entre mulheres e homens, precisamos reduzir radicalmente a desigualdade econômica. Para tanto, não será suficiente integrar mais intensamente as mulheres às estruturas econômicas existentes. Precisamos definir uma visão para uma nova economia humana, conjuntamente criada por mulheres e homens em benefício de todos e não apenas de uns poucos privilegiados.

Trabalhando, mas ainda na pobreza

A renda do trabalho é a fonte mais importante de renda para a maioria das famílias.⁵⁷ Portanto, aumentar o acesso ao trabalho decente promove a igualdade.

Para muitos dos mais pobres, essa renda vem da produção de alimentos em pequena escala. Para muitos outros, vem dos salários. Este documento enfoca principalmente nos assalariados do mundo. A Oxfam publicará uma análise complementar dos pequenos produtores de alimentos ainda em 2018.

Quadro 3: Os trabalhadores continuam a enfrentar dificuldades para sobreviver⁵⁸

Em Mianmar, a Oxfam trabalha com jovens operárias do setor de vestuário que confeccionam roupas para marcas globais. Elas ganham US\$ 4 por dia, o dobro da linha de pobreza extrema. Para ganhar esse valor, trabalham 11 horas por dia, seis ou sete dias por semana. Em que pesem essas longas jornadas de trabalho, elas ainda enfrentam grandes dificuldades para satisfazer suas necessidades básicas em termos de alimentos e medicamentos e, em muitos casos, se endividam.

Cada vez mais, no entanto, ter um emprego não significa escapar da pobreza. Estimativas recentes da OIT revelam que um entre cada três trabalhadores de países emergentes e em desenvolvimento vive em situação de pobreza, e esse número está aumentando.⁵⁹

A escravidão moderna talvez seja o elemento mais chocante do mercado de trabalho global dos nossos dias. A OIT estimou em 40 milhões o número de pessoas escravizadas em 2016, 25 milhões das quais em situação de trabalho forçado. Segundo a OIT, “trabalhadores forçados produziram alguns dos alimentos

que consumimos e das roupas que vestimos e limpamos os edifícios nos quais muitos de nós moramos ou trabalhamos”.⁶⁰

Quase 43% dos trabalhadores jovens de todo o mundo ainda estão desempregados ou trabalham mas continuam vivendo em situação de pobreza.⁶¹ Mais de 500 milhões de jovens sobrevivem com menos de US\$ 2 por dia.⁶² Nos países em desenvolvimento, estima-se que 260 milhões de jovens estejam sem emprego, educação ou qualquer tipo de treinamento.⁶³ Uma em cada três mulheres jovens está na mesma situação.⁶⁴ Embora os efeitos da crise financeira tenham variado muito, um fator comum dos seus resultados é que os jovens têm sido os mais afetados.⁶⁵

Quatro milhões de pessoas em situação de trabalho escravo são crianças. De acordo com as estimativas mais recentes, há mais de 150 milhões de crianças de 5 a 17 anos envolvidas em alguma forma de trabalho infantil,⁶⁶ quase uma em cada 10.

Isso vem ocorrendo a despeito do significativo crescimento econômico registrado na maioria dos países nas últimas décadas. Embora o valor da sua produção tenha aumentado drasticamente, os trabalhadores não foram beneficiados na mesma proporção em seus salários ou condições de trabalho. Em uma pesquisa realizada em 133 países ricos e em desenvolvimento referente ao período de 1995 a 2014, a OIT constatou que em 91 deles os salários não acompanharam o aumento da produtividade e o crescimento econômico.⁶⁷

Infelizmente, muitos países ainda não adotaram um salário mínimo ou mecanismos de negociação coletiva e, na maioria dos casos, os salários mínimos são significativamente mais baixos do que seria necessário para sobreviver ou do que poderia ser considerado um salário digno.⁶⁸ A Oxfam demonstrou que essa é a realidade no mercado de trabalho do Marrocos, do Quênia, da Indonésia e do Vietnã.⁶⁹ Quando previstos em lei, os salários mínimos também não vigoram efetivamente e menos ainda para as mulheres.

Inseguro, precário e sem direitos

O trabalho temporário e precário é a norma nos países em desenvolvimento e é uma realidade cada vez mais visível em nações ricas. Os empregados temporários recebem salários mais baixos e têm menos direitos e menor acesso à proteção social. As mulheres e os jovens são os mais propensos a aceitar empregos desse tipo.

Na opinião de muitos, seu trabalho é perigoso e prejudicial à saúde. Segundo a OIT, mais de 2,78 milhões de trabalhadores morrem todos os anos em decorrência de acidentes de trabalho ou doenças ocupacionais - um a cada 11 segundos.⁷⁰

“O assédio sexual é muito comum nesse tipo de trabalho. Pelo menos 90% das mulheres trabalhadoras são assediadas tanto por clientes como pelos donos das empresas. A justiça está do lado das empresas”.

– Eulogia Familia, líder sindical, representante dos empregados do setor hoteleiro da República Dominicana⁷¹

Mulheres trabalhadoras em todo o mundo muitas vezes sofrem lesões graves, ficam expostas a riscos para a sua saúde e à violência sexual no seu local de trabalho. Empregadas de hotéis entrevistadas pela Oxfam na República Dominicana, no Canadá e na Tailândia relataram casos regulares de assédio e violência sexual por parte de hóspedes do sexo masculino.⁷² Relataram também problemas de saúde devido ao uso rotineiro de produtos químicos nas suas faxinas. Em Bangladesh, muitas operárias jovens do setor de vestuário sofrem de infecções urinárias recorrentes porque não têm permissão para ir ao banheiro no local de trabalho. Da

“Trabalhadores forçados produziram alguns dos alimentos que consumimos e das roupas que vestimos e limpamos os edifícios nos quais muitos de nós moramos ou trabalhamos.”

– OIT

mesma forma, em um estudo que realizou sobre a situação dos trabalhadores do setor avícola dos Estados Unidos, a Oxfam verificou que eles usavam fraldas porque não tinham permissão para usar o banheiro.⁷³

Quadro 4: Sem conseguir segurar as mãos dos filhos⁷⁴

Nos Estados Unidos, a Oxfam está trabalhando com empregados do setor avícola em uma campanha para melhorar suas terríveis condições de trabalho. Eles não têm direito a pausas suficientes para ir ao banheiro, o que força muitos deles a usarem fraldas para poderem trabalhar. Dolores, uma ex-trabalhadora do setor no Arkansas, descreveu a sua situação da seguinte maneira: “Era como não ter nenhum valor... chegávamos às 5 da manhã e trabalhávamos até as 11 ou 12 sem ir ao banheiro... Eu sentia vergonha de dizer a eles que precisava trocar a minha fralda”.

O trabalho também é perigoso e marcado por uma das taxas mais altas de lesões entre todos os setores. As lesões por esforço repetitivo podem ser tão graves que após apenas um ano nas linhas de produção alguns trabalhadores não conseguem mais esticar os dedos, segurar uma colher ou mesmo segurar adequadamente as mãos dos filhos.

Trabalhadores organizados constituem um contrapeso ao poder da riqueza e têm desempenhado um papel fundamental na criação de sociedades mais igualitárias e democráticas. Os sindicatos aumentam salários, direitos e proteções não apenas para os seus membros, mas também para todos os trabalhadores de uma sociedade.⁷⁵ Infelizmente, o FMI vem observando uma tendência de queda nas taxas de densidade sindical em todo o mundo desde 2000.⁷⁶ O FMI associa isso ao aumento da desigualdade.⁷⁷ Esse problema vem se agravando em decorrência do uso mais intensivo da terceirização e de contratos temporários de curto prazo para minar direitos trabalhistas.

O número de países marcados pela violência física e ameaças contra trabalhadores aumentou 10% em apenas um ano, de acordo com o Índice Global de Direitos divulgado anualmente pela Confederação Internacional Sindical (CSI).⁷⁸ Agressões a sindicalistas foram registradas em 59 países.⁷⁹ Mais de três quartos dos países negam o direito de greve a alguns dos seus trabalhadores ou a todos eles. Na Tailândia, trabalhadores migrantes – que constituem uma em cada dez pessoas da força de trabalho – não têm direito de greve.⁸⁰

Os piores empregos predominam no setor informal da economia, largamente não regulamentado, onde mulheres e jovens estão super-representados. Essa situação favorece alguns dos atores mais poderosos de uma economia globalizada. Grandes multinacionais podem reduzir seus custos terceirizando sua produção para empresas menores que empregam trabalhadores informais, pagam salários mais baixos e oferecem condições menos seguras de trabalho, o que lhes permite driblar a legislação trabalhista e de proteção social.

QUAL É A CAUSA DISSO?

Uma “tempestade perfeita” de fatores inter-relacionados está se formando para fortalecer o poder de negociação dos que estão no topo, ao mesmo tempo, reduzir o dos que estão na base.

Na base da pirâmide, direitos trabalhistas estão sendo minados e com eles o poder de negociação dos sindicatos. Empresas estão se consolidando cada vez mais e se encontram sob uma enorme pressão para oferecer retornos cada vez mais altos aos seus acionistas. Esses retornos geralmente são garantidos à custa dos trabalhadores e oferecem um maior incentivo para a evasão fiscal em larga escala. As empresas usam a mobilidade dos seus investimentos para promover uma

“corrida para baixo” entre países em termos de tributação e salários. A ameaça de uma automação crescente também garante mais poder nas mãos de ricos donos de empresas e coloca mais pressão sobre os trabalhadores.

Podemos construir uma economia humana para resolver isso

A economia não precisa estar estruturada como está. Podemos criar uma economia mais humana,⁸¹ que priorize os interesses de trabalhadores comuns e de pequenos produtores de alimentos, e não os daqueles com super salários e donos de grandes fortunas. Uma economia desse tipo poderia pôr fim à desigualdade extrema e garantir um futuro promissor para o nosso planeta. Precisamos rejeitar a adesão dogmática à economia neoliberal e a influência inaceitável das elites nos nossos governos. Podemos fazer isso principalmente de duas maneiras: concebendo economias mais igualitárias desde o início e usando a tributação e os gastos públicos para redistribuir e promover uma maior equidade.

Regular, reestruturar e redesenhar a nossa economia e a forma como as empresas operam.

A regulação pode ser usada para garantir que os trabalhadores tenham mais poder de negociação; para acabar com os paraísos fiscais; para romper monopólios; e para que o setor financeiro e os avanços tecnológicos beneficiem a maioria. Governos e empresas podem ambos agir no sentido de garantir que salários miseráveis, a escravidão e o trabalho precário e perigoso não sejam vistos como moralmente aceitáveis. Isso exigirá uma cooperação global em uma escala muito maior que a observada atualmente. Será muito difícil lograr esse tipo de cooperação no atual ambiente político. Felizmente, os governos ainda têm muito espaço para promover grandes avanços no nível nacional.

O comércio e os investimentos podem gerar oportunidades, produtos, serviços e prosperidade ampla e irrestritamente. No entanto, decisões são cada vez mais tomadas apenas sob a ótica da maximização de retornos para acionistas ricos. Essa postura acabou se caracterizando como uma espécie de camisa de força que mantém o mundo empresarial em uma dinâmica que conduz à desigualdade.

No entanto, empresas, movimentos sociais e empreendedores têm gerado uma série de conceitos no intuito de se libertarem dessa camisa de força. Esses conceitos incluem cooperativas, modelos de participação acionária de empregados, primazia da missão, negócios centrados na geração de benefícios sociais, empreendimentos sociais e empresas de comércio justo.

Estudos revelam que empresas de propriedade dos funcionários promovem mais empregos e salários mais altos para seus empregados.⁸² Por exemplo, a Mondragon é uma cooperativa multinacional espanhola que tem um faturamento US\$ 13 bilhões e emprega 74 mil pessoas. Seu processo de tomada de decisões é democrático, a segurança no emprego é promovida e o salário mais alto não é mais do que nove vezes superior ao mais baixo.

Nossas economias poderiam ser construídas sobre essas estruturas progressistas se líderes políticos priorizassem políticas que financiassem, apoiassem e promovessem modelos desse tipo.

Para esse fim, eles devem oferecer educação, saúde e proteção social para todos e pagar por isso assegurando que pessoas físicas e jurídicas ricas paguem sua parcela justa de impostos.

Os governos têm outro papel fundamental a desempenhar na redução da desigualdade usando a tributação e seus gastos para *redistribuir* a renda.

Evidências colhidas em mais de 150 países ricos e pobres, entre 197-2009,⁸³ indicam que investir na saúde, educação e proteção social reduz a desigualdade.

Podemos estabelecer uma economia humana principalmente de duas maneiras: concebendo economias mais igualitárias desde o início e usando a tributação e os gastos públicos para redistribuir e promover uma maior equidade.

Serviços públicos universais e de qualidade beneficiam enormemente as mulheres, pois reduzem a necessidade de prestarem cuidados não remunerados e corrigem desigualdades no acesso à educação e à saúde. Esse benefício aumenta se for oferecido juntamente com outras medidas específicas, como a disponibilização gratuita de creches.

Muito mais pode ser feito para que a tributação seja usada no sentido de redistribuir os retornos excessivamente altos desfrutados pelos ricos atualmente. Pessoas físicas e jurídicas ricas devem pagar mais impostos e não devem ter mais a capacidade de sonegar impostos devidos. Precisamos pôr fim aos paraísos fiscais e à rede global de sigilo que permite que empresas e indivíduos ricos deixem de pagar sua parcela justa de impostos. A corrida global para baixo, em termos da tributação, precisa ser revertida. Os governos devem seguir o exemplo do Chile e da África do Sul, que aumentaram a tributação de pessoas físicas e jurídicas ricas.⁸⁴

Um mundo mais igualitário

Precisamos urgentemente reconfigurar nossas economias no sentido de recompensar trabalhadores comuns e pequenos produtores da base da pirâmide de renda e dar um basta à sua exploração. Precisamos parar de recompensar excessivamente os super-ricos. É isso que as pessoas desejam. É isso que nossos líderes prometeram fazer. Juntos, podemos acabar com o estado de desigualdades extremas. Podemos construir uma economia mais humana e um mundo mais igualitário para os nossos filhos e filhas.

RECOMENDAÇÕES

Governos e instituições internacionais devem reconhecer o impacto do atual modelo econômico neoliberal dominante sobre os pobres do mundo. Com base nesse reconhecimento, eles devem trabalhar no sentido de desenvolver economias mais humanas cujo objetivo principal seja o de promover uma maior equidade. As recomendações apresentadas a seguir analisam o que governos, instituições internacionais e empresas devem fazer.

OS GOVERNOS DEVEM

Em relação à desigualdade:

- **Estabelecer metas e planos de ação concretos e com prazos definidos para reduzir a desigualdade.** Os governos devem trabalhar no sentido de que a renda coletiva dos 10% mais ricos não seja mais alta que a dos 40% mais pobres. Os governos devem acordar que usarão essa medida⁸⁵ como o indicador atualizado do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 10, de redução da desigualdade.⁸⁶
- **Pôr fim à riqueza extrema.** Para acabar com a pobreza extrema, precisamos também acabar com a riqueza extrema. A era dourada dos dias atuais está minando o nosso futuro. Os governos devem usar a regulação e a tributação no sentido de reduzir radicalmente os níveis atuais de riqueza extrema e limitar a influência de indivíduos e grupos ricos na formulação de políticas.
- **Trabalhar em conjunto para promover uma revolução nos dados sobre desigualdade.** Todos os países devem se empenhar em produzir, anualmente, dados sobre a riqueza e a renda de todas as pessoas da sociedade, em especial dos 10% e do 1% mais ricos. Além de financiar mais pesquisas domiciliares, outras fontes de dados devem ser publicadas para lançar luz sobre o tema da renda e da concentração de riqueza no topo.⁸⁷

- **Implementar políticas** concebidas para combater todas as formas de discriminação de gênero, promover normas sociais e atitudes positivas em relação às mulheres e ao seu trabalho e reequilibrar a dinâmica de poder nos níveis domiciliar, local, nacional e internacional.
- **Reconhecer e proteger os direitos dos cidadãos e de suas organizações à liberdade de expressão e de associação.** Reverter todas as leis e ações que tenham fechado espaço para os cidadãos. Apoiar especificamente organizações que defendem os direitos das mulheres e de outros grupos excluídos.

Em relação a conceber uma economia justa desde o início:

- **Incentivar modelos de negócios que priorizem retornos mais justos,** inclusive modelos de cooperativas e de participação de empregados na governança de empresas e nas cadeias de abastecimento.
- **Requerer que todas as multinacionais realizem auditorias obrigatórias** em toda a sua cadeia de abastecimento para garantir que todos os trabalhadores recebam um salário digno, de acordo com os **Princípios Orientadores das Nações Unidas sobre Empresas e Direitos Humanos.**⁸⁸
- **Limitar retornos para acionistas** e promover um coeficiente de remuneração para altos executivos de empresas que seja **no máximo 20 vezes superior ao salário médio de seus empregados,**⁸⁹ de preferência até mais baixos.
- **Eliminar diferenças salariais entre homens e mulheres** e garantir que os direitos das mulheres trabalhadoras sejam plenamente usufruídos em toda a economia. Revogar leis que discriminam a igualdade econômica das mulheres e implementar leis e marcos regulatórios que apoiem os direitos das mulheres.
- **Eliminar o trabalho escravo e os salários miseráveis.** Promover uma transição dos níveis de salário mínimo para níveis de "salários dignos" para todos os trabalhadores, com base em evidências sobre o custo de vida e com pleno envolvimento de sindicatos e outros parceiros sociais.
- **Promover a organização dos trabalhadores.** Definir normas legais que protejam os direitos de sindicalização e de greve dos trabalhadores, revogando todas as leis que contrariem esses direitos. Permitir e apoiar acordos de negociação coletiva com ampla cobertura.
- **Eliminar o trabalho precário e garantir que todas as novas formas de emprego respeitem os direitos dos trabalhadores. Garantir os direitos de trabalhadores domésticos, trabalhadores migrantes e trabalhadores informais.** Formalizar progressivamente a economia informal e garantir proteção a todos os trabalhadores, garantindo seu envolvimento em processos decisórios.

Em relação a redistribuir para termos uma sociedade mais justa:

Gastos públicos

- **Compromisso público para garantir a oferta de serviços públicos gratuitos universais e um piso universal de proteção social.**⁹⁰ Para esse fim, é importante aumentar o financiamento e a prestação de serviços públicos e garantir contribuições dos empregadores para a seguridade social ou o seguro social.
- **Não direcionar recursos públicos para incentivar e subsidiar a prestação de serviços de saúde e educação por empresas do setor privado com fins lucrativos e ampliar a prestação de serviços essenciais pelo setor público.**

Regular rigorosamente instalações privadas para garantir a sua segurança e qualidade e não permitir que elas excluam quem não pode pagar.

Tributação

- **Usar a tributação para reduzir a riqueza extrema.** Priorizar impostos que não são pagos pelos super-ricos na medida justa, como impostos sobre fortunas, imóveis, heranças e ganhos de capital. Aumentar as alíquotas e a tributação de rendas elevadas. Adotar um imposto global sobre fortunas para bilionários para ajudar a financiar a consecução dos ODS.
- **Chamar uma nova geração de reformas fiscais internacionais** para acabar com a guerra fiscal internacional em relação à tributação dos mais ricos. As alíquotas tributárias devem ser definidas em um nível justo e progressivo que contribua para a redução das desigualdades.⁹¹ Quaisquer novas negociações devem ser realizadas sob a responsabilidade de um novo organismo fiscal global que garanta a participação igualitária de todos os países.
- **Erradicar o uso de paraísos fiscais** e promover uma maior transparência nessa área mediante a adoção de uma lista objetiva dos piores paraísos fiscais e a aplicação de sanções robustas e automáticas a empresas, indivíduos e países que usam esses paraísos fiscais.

As empresas devem fazer a sua parte na construção de uma economia mais humana

- **Nada de dividendos se não forem pagos salários dignos:** as multinacionais podem optar por priorizar o bem-estar de trabalhadores de remuneração mais baixa não recompensando acionistas com dividendos ou recompras de ações ou não pagando bônus a executivos e funcionários bem remunerados até que todos os seus funcionários estejam recebendo um salário digno (calculado com base em um padrão independente) e medidas tenham sido tomadas para garantir que estão pagando preços que possam proporcionar uma renda digna a trabalhadores ou produtores das suas cadeias de suprimentos.
- **Representação em conselhos:** as empresas devem garantir a representação de trabalhadores em conselhos de administração e comissões de remuneração e identificar maneiras de levar em consideração as opiniões de outras partes interessadas, como, por exemplo, de trabalhadores das suas cadeias de abastecimento e de comunidades locais, em processos decisórios.
- **Apoiar mudanças transformacionais nas cadeias de abastecimento:** as empresas podem priorizar a contratação de serviços e a compra de insumos de empresas mais equitativamente estruturadas das suas cadeias de abastecimento – por exemplo, empresas de propriedade parcial ou total de trabalhadores ou produtores; que adotam um modelo de governança que prioriza uma missão social; ou que optam por compartilhar, parcial ou totalmente, seus lucros com seus funcionários. Iniciativas como o *Fair Value Club* da Oxfam⁹² estão ajudando empresas a fazer exatamente isso.
- **Compartilhar os lucros com trabalhadores mais pobres:** as empresas podem tomar a decisão de compartilhar um percentual dos seus lucros (por exemplo, 50%) com os trabalhadores de remuneração mais baixa das suas cadeias de abastecimento e operações. Por exemplo, a empresa *Cafe Direct*⁹³ compartilha 50% dos seus lucros com cafeicultores.
- **Apoiar a igualdade de gênero no local de trabalho:** assumir o compromisso de promover os Princípios de Empoderamento das Mulheres da ONU⁹⁴ e as Convenções relevantes da OIT (C100, C111, C156, C183)⁹⁵ para confirmar seu compromisso com a igualdade de gênero; implementar uma política de gênero que apoie a apresentação de denúncias relacionadas a contratações, treinamentos, promoções, assédio e controvérsias; e divulgar a diferença salarial

entre homens e mulheres para todos os níveis da empresa, comprometendo-se a eliminá-la.

- **Reduzir diferenças salariais:** divulgar dados sobre a diferença entre os salários pagos pelas empresas aos seus diretores executivos e à média de seus funcionários, assumindo o compromisso de reduzir esse coeficiente a pelo menos 20:1.
- **Apoiar negociações coletivas:** assumir publicamente o compromisso de promover relações significativas e construtivas com sindicatos independentes em bases contínuas e, em parceria com eles, trabalhar no sentido de eliminar barreiras à participação de mulheres trabalhadoras em atividades sindicais, especialmente em funções de liderança, bem como promover outros meios para que mulheres trabalhadoras possam se fazer ouvir com segurança e eficácia.

NOTAS

- 1 *Cinco Días (2 de novembro de 2017). Amancio Ortega ingresa 628 millones más por dividendo de Inditex.* Extraído de https://cincodias.elpais.com/cincodias/2017/11/01/companias/1509550519_653608.html
- 2 A H&M tem sido consistentemente uma das empresas de vestuário mais progressistas na tentativa de resolver o problema dos salários extremamente baixos em sua cadeia de suprimentos. Possui um índice salarial divulgado publicamente no mercado, o último em novembro de 2013. Foi signatário da nova iniciativa ACT em 2015 com a federação de sindicatos globais da indústria, para lidar com a negociação coletiva do setor em países de baixos salários para a produção de vestuário, começando em Camboja.
- 3 Calculado usando índice S&P Capital IQ e Financial Times Markets Data.
- 4 Em uma entrevista para Oxfam Austrália, Anju explicou que ganha em média 6 a 7 mil takas por mês, e que ela trabalha em média três horas a mais por dia. Em dólares, sua renda média mensal é de USD \$ 78 (1 BDT = 0.012 USD) e, em média, ela trabalha 286,44 horas por mês (incluindo as horas extras). Isso significa que sua renda anual média é USD \$ 78 x 12 = USD \$ 936.
- 5 Forbes. (2017). Os bilionários do mundo. Ranking de 2017. <https://www.forbes.com/billionaires/list/>. Acessado em 7 de setembro de 2017.
- 6 Para obter detalhes sobre os fatos gerados pela Oxfam, consulte a Nota Metodológica no site da Oxfam Brasil: www.oxfam.org.br/assimnaodavos
- 7 S.N. Emran e J. Kyriacou. (2017). *What She Makes, power and Prosperity in the Fashion industry.* Extraído em 1º de novembro de 2017 de http://whatshemakes.oxfam.org.au/wp-content/uploads/2017/10/Living-Wage-Media-Report_WEB.pdf
- 8 Oxfam América. (2015). *Lives on the line: The human cost of cheap chicken.* <https://www.oxfamamerica.org/livesontheline/#>
- 9 D. Sarosi. (2017). *Tourism's Dirty Secret: The Exploitation of Hotel Housekeepers.* Oxfam Canadá. Extraído em 15 de outubro de 2017 de https://www.oxfam.ca/sites/default/files/file_attachments/tourisms_dirty_secret_-_oxfam_canada_report_-_oct_17_2017.pdf
- 10 N. Burleigh. (4 de maio de 2017). *Meet the billionaires who run Trump's Government.* *Newsweek.* <http://www.newsweek.com/2017/04/14/donald-trump-cabinet-billionaires-washington-579084.html>.
- 11 Declaração proferida por Sua Excelência Muhammadu Buhari, Presidente da República Federal da Nigéria. Buhari, M. New York: Nações Unidas, 2017. Debate Geral da 72ª Sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas.
- 12 E. Mayah, C. Mariotti, C.E. Mere e C. Okwudili Odo. (2017). *Inequality in Nigeria: Exploring the drivers.* <https://www.oxfam.org/en/research/inequality-nigeria-exploring-drivers>
- 13 M. Lawson e M. Martin (2017). *Commitment to Reducing Inequality Index.* Development Finance International e Oxfam, 2017. <https://www.oxfam.org/en/research/commitment-reducing-inequality-index>
- 14 Para obter detalhes sobre a pesquisa e a metodologia, consulte a Nota Metodológica: www.oxfam.org.br/assimnaodavos
- 15 Civicus (2017). *State of Civil Society Report.* <http://www.civicus.org/index.php/state-of-civil-society-report-2017>
- 16 Louis D. Brandeis Legacy Fund for Social Justice. <https://www.brandeis.edu/legacyfund/bio.html>
- 17 Para obter detalhes sobre os cálculos da Oxfam, consulte a Nota Metodológica: www.oxfam.org.br/assimnaodavos
- 18 Forbes. (2017). Os bilionários do mundo. Para obter todos os detalhes sobre os cálculos da Oxfam, consulte a Nota Metodológica: www.oxfam.org.br/assimnaodavos
- 19 Ibid.
- 20 Fonte: estimativas da Organização Internacional do Trabalho (OIT) baseadas em fontes nacionais oficiais registradas na sua base de dados global sobre salários. OIT. (2016). *Global Wage Report 2016/17: Wage inequality in the workplace.* <http://www.ilo.org/global/research/global-reports/global-wage-report/2016/lang--en/index.htm>
- 21 Forbes. (2017). Os bilionários do mundo. Para obter todos os detalhes sobre os cálculos da Oxfam, consulte a Nota Metodológica: www.oxfam.org.br/assimnaodavos
- 22 Credit Suisse. (2017). *Global Wealth Databook 2017.* Acessado em novembro de 2017. <https://www.credit-suisse.com/corporate/en/research/research-institute/publications.html>. O ano coberto pelo relatório do banco Credit Suisse refere-se ao período de setembro de 2016 a setembro de 2017.

-
- 23 McKinsey Global Institute. (2015). *The Power of Parity: How advancing women's equality can add \$12 trillion to global growth*. <https://www.mckinsey.com/global-themes/employment-and-growth/how-advancing-womens-equality-can-add-12-trillion-to-global-growth>.
- 24 Credit Suisse. (2017). *Global Wealth Databook 2017*.
- 25 Ibid.
- 26 E. Mayah, C. Mariotti, CE Mere e C. Okwudili Odo. (2017). *Inequality in Nigeria: Exploring the drivers*.
- 27 L. Gibson e D. Widiastuti. (2017). *Towards a more equal Indonesia*. <https://www.oxfam.org/en/research/towards-more-equal-indonesia>
- 28 R. Neate. (8 de novembro de 2017). *Bill Gates, Jeff Bezos and Warren Buffett are wealthier than poorest half of US*. <https://www.theguardian.com/business/2017/nov/08/bill-gates-jeff-bezos-warren-buffett-wealthier-than-poorest-half-of-us>
- 29 Oxfam Brasil. (2017). *A Distância que nos Une – Um retrato das desigualdades brasileiras*. https://www.oxfam.org.br/sites/default/files/arquivos/Relatorio_A_distancia_que_nos_une.pdf
- 30 B. Southwood. (17 de janeiro de 2017). *Oxfam is wrong to imply free markets make the rich richer at the poor's expense*. City A.M. <http://www.cityam.com/257166/oxfam-wrong-imply-free-markets-make-rich-richer-poor>.
- 31 Veja, por exemplo, o Índice de Capitalismo Clientelista (Crony Capitalism Index) da revista *The Economist*: <https://www.economist.com/blogs/graphicdetail/2016/05/daily-chart-2>, e também D. Jacobs. (2017). *Extreme Wealth is Not Merited*. Oxfam. <https://www.oxfam.org/en/research/extreme-wealth-not-merited>
- 32 PWC. (2017). *Billionaires Insights 2017: New Value Creators Gain Momentum*. Acessado em 23 de outubro de 2017. <https://www.pwc.com/gx/en/financial-services/Billionaires%20insights/billionaires-insights-2017-pdf>
- 33 OCDE. (2012). *OECD Review of Telecommunication Policy and Regulation in Mexico*. OECD Publishing. <http://www.oecd.org/sti/economy/oecdviewoftelecommunicationpolicyandregulationinmexico.htm>
- 34 D. Jacobs. (2015). *Extreme Wealth is Not Merited*.
- 35 OCDE. (2012). *OECD Employment Outlook 2012*. http://www.oecd-ilibrary.org/employment/oecd-employment-outlook-2012_empl_outlook-2012-en
- 36 OIT. (2016). *Global Wage Report 2016/17*.
- 37 L. Mishel e J. Schieder. (2017). *CEO Pay Remains High Relative to The Pay of Typical Workers and High-Wage Earners*. Economic Policy Institute (Instituto de Economia Política). Extraído em 12 de setembro de 2017 de <http://www.epi.org/files/pdf/130354.pdf>
- 38 OIT. (2016). *Global Wage Report 2016/17*.
- 39 Para esse cálculo, consulte a Nota Metodológica: www.oxfam.org.br/assimnaodavos
- 40 O custo anual para elevar o valor médio recebido pelos 2,5 milhões de trabalhadores do setor de vestuário do Vietnã a um salário digno seria de US\$ 2,2 bilhões. Essa cifra corresponde a um terço do valor que os cinco maiores varejistas de moda distribuíram aos seus acionistas em 2016 (US\$ 6,9 bilhões). Para obter mais detalhes, consulte a Nota Metodológica: www.oxfam.org.br/assimnaodavos
- 41 G. Zucman. (2015). *The Hidden Wealth of Nations*. Editora da Universidade de Chicago. <https://doi.org/10.7208/chicago/9780226245560.001.0001>
- 42 Para obter explicações sobre o funcionamento, consulte a Nota Metodológica: www.oxfam.org.br/assimnaodavos. Alstadsaeter, A., Niels, J. e Zucman, G. (2017). *Tax Evasion and Inequality*. <http://gabriel-zucman.eu/files/AJZ2017.pdf>
- 43 G. Zucman. (2015). *The Hidden Wealth of Nations*; UNCTAD. (2015). *World Investment Report*. http://unctad.org/en/PublicationChapters/wir2015ch0_KeyMessage_en.pdf
- 44 A. Krueger. (2015). *The great utility of the Great Gatsby Curve*. Instituto Brookings. <https://www.brookings.edu/blog/social-mobility-memos/2015/05/19/the-great-utility-of-the-great-gatsby-curve/>
- 45 D. Hardoon e J. Slater. (2015). *Inequality and the end of extreme poverty*. Oxfam GB. <https://policy-practice.oxfam.org.uk/publications/inequality-and-the-end-of-extreme-poverty-577506>
- 46 Ibid.
- 47 Ibid.
- 48 M. Cruz, J. Foster, B. Quillan and P. Shellkens. (2015). *Ending Extreme Poverty and Sharing Prosperity: Progress and Policies*. World Bank. <http://pubdocs.worldbank.org/en/109701443800596288/PRN03Oct2015TwinGoals.pdf>
- 49 R. Kochhar. (2015). *A Global Middle Class Is More Promise than Reality*. Centro de Pesquisas Pew. <http://www.pewglobal.org/2015/07/08/a-global-middle-class-is-more-promise-than-reality/>
- 50 F. Alvaredo, L. Chancel, T. Piketty, E. Saez e G. Zucman. (2017). *The World Inequality Report 2018*. World Inequality Lab. <http://wir2018.wid.world/>

-
- 51 Ibid
- 52 D. Woodward. (2015). *Incrementum ad Absurdum: Global Growth, Inequality and Poverty Eradication in a Carbon-Constrained World*. World Social and Economic Review. No. 4, 2015.
- 53 C. Doss, et al. (2013). *Gender inequalities in ownership and control of land in Africa: Myths versus reality*. International Food Policy Research Institute. <http://ebrary.ifpri.org/cdm/ref/collection/p15738coll2/id/127957>. <https://doi.org/10.2139/ssrn.2373241>
- 54 Nações Unidas. (16 de outubro de 2009). *Rising inequality, precarious jobs threaten progress in Eastern Europe and Central Asia – UN*. UN News Centre. <http://www.un.org/apps/news/story.asp?NewsID=55274> - .Wfnu-lvWzIU.
- 55 National Institute for Statistics and Information (Instituto Nacional de Estatística e Informação). (2016). *The Cost of Unpaid Care* (em espanhol) <http://www.unfpa.org.pe/publicaciones/publicacionesperu/CUENTA%20SATELITE%20DEL%20TRABAJO%20NO%20REMUNERADO.pdf>
- 56 R. Antonopoulos e R. Hirway (eds). (2009). *Unpaid work and the economy: gender, time use and poverty* Palgrave Macmillan.
- 57 OIT. (2015). *Global Wage Report 2014/15: Wages and income inequality*. Figura 29 e figura 32. <http://www.ilo.org/global/research/global-reports/global-wage-report/2014/lang--en/index.htm>
- 58 D. Gardener e J. Burnley. (2015). *Made in Myanmar: Entrenched Poverty or Decent Jobs for Garment Workers?* Oxfam. <https://www.oxfam.org/en/research/made-myanmar>
- 59 OIT. (2017). *World Employment and Social Outlook – Trends 2017*. <http://www.ilo.org/global/research/global-reports/weso/2017/lang--en/index.htm>
- 60 OIT. (2017). *Global Estimates of Modern Slavery: Forced Labour and Forced Marriage*. http://www.ilo.org/global/publications/books/WCMS_575479/lang--en/index.htm
- 61 OIT. (2015). *Global Employment Trends for Youth 2015: Scaling up investments in decent jobs for youth*. http://www.ilo.org/global/research/global-reports/youth/2015/WCMS_412015/lang--en/index.htm
- 62 Ibid.
- 63 The Economist. (27 de April de 2017). *Generation Jobless*. <https://www.economist.com/news/international/21576657-around-world-almost-300m-15-24-year-olds-are-not-working-what-has-caused>
- 64 OIT. (20 de novembro de 2017). *Weak Recovery in Youth Labour Markets Demands a Sweeping Response*. Global Employment Trends for Youth 2017. http://www.ilo.org/global/about-the-ilo/newsroom/news/WCMS_597065/lang--en/index.htm
- 65 OIT. (2015). *Global Employment Trends for Youth 2015*.
- 66 OIT. (2017). *Global Estimates of Child Labour: Results and trends, 2012–2016*. http://www.ilo.org/global/publications/books/WCMS_575499/lang--en/index.htm
- 67 OIT. (2017). *World Employment and Social Outlook – Trends 2017*.
- 68 Um salário digno é aquele suficiente para permitir aos trabalhadores e suas famílias satisfazer suas necessidades em termos de alimentos nutritivos, água limpa, habitação, roupas, educação, saúde, energia, creche e transporte, além de permitir alguma poupança e renda discricionária. Diversas metodologias podem ser usadas para calcular o que seria um salário digno. Essas metodologias estão disponíveis em Oxfam Austrália. (2017). *A Sewing Kit for Living Wages*, relatório que pode ser baixado na página de recursos da campanha What She Makes em <http://whatshemakes.oxfam.org.au/resources/>
- 69 R. Wilshaw, et al. (2015). *In Work but Trapped in Poverty: A summary of five studies conducted by Oxfam, with updates on progress along the road to a living wage*. Oxfam. <https://policy-practice.oxfam.org.uk/publications/in-work-but-trapped-in-poverty-a-summary-of-five-studies-conducted-by-oxfam-wit-578815>.
- 70 OIT. *Safety and health at work*. <http://www.ilo.org/global/topics/safety-and-health-at-work/lang--de/index.htm>
- 71 D. Sarosi. (2017). *Tourism's Dirty Secret: The exploitation of hotel housekeepers*.
- 72 Ibid.
- 73 Oxfam América (2015). *Lives on the line*.
- 74 Ibid.
- 75 L. Mishel e M. Walters. (2003). *How Unions help all Workers*. Economic Policy Institute. http://www.epi.org/publication/briefingpapers_bp143/
- 76 FMI. (2017). *World Economic Outlook, October 2017*. <https://www.imf.org/en/Publications/WEO/Issues/2017/09/19/world-economic-outlook-october-2017>
- 77 Ibid.

-
- 78 ITUC. (2017). *Global Rights Index 2017: Violence and Repression of Workers on the Rise*. Extraído de <https://www.ituc-csi.org/ituc-global-rights-index-2017-18767>
- 79 Ibid.
- 80 D. Sarosi. (2017). *Tourism's Dirty Secret: The exploitation of hotel housekeepers*. Oxfam Canada.
- 81 Para obter mais informações sobre o conceito de Economia Humana, veja D. Hardoon. (2017). *An Economy for the 99%: It's time to build a human economy that benefits everyone, not just the privileged few*. <https://www.oxfam.org/en/research/economy-99>
- 82 C. Rosen e M. Quarrey. (1987). *How Well is Employee Ownership Working?* Harvard Business Review. <https://hbr.org/1987/09/how-well-is-employee-ownership-working>
- 83 J. Martinez-Vazquez, B. Moreno-Dodson e V. Vulovic. (2012). *The Impact of Tax and Expenditure Policies on Income Distribution: Evidence from a large panel of countries*. International Center for Public Policy, Working Paper 12/25. <https://scholarworks.gsu.edu/icepp/77/> e <https://doi.org/10.2139/ssrn.2188608>
- 84 M. Lawson e M. Martin. (2017). *Commitment to Reducing Inequality Index*. Development Finance International e Oxfam.
- 85 O Índice de Palma divide a renda dos 10% mais ricos da população pela renda dos 40% mais pobres. A Oxfam está recomendando que os governos tenham como meta um Índice de Palma de no máximo 1.
- 86 O Objetivo 10 dos ODS é reduzir a desigualdade entre os países e dentro deles. <http://www.undp.org/content/undp/en/home/sustainable-development-goals.html>.
- 87 Isso deve incluir dados referentes a impostos sobre rendimentos, imóveis e bens; dados de mercados imobiliários e de bens de luxo; dados de empresas de gestão patrimonial; e pesquisas empresariais sobre salários. Esses dados devem ser desagregados por gênero, faixa etária, ocupação, região e, conforme o caso, grupo étnico.
- 88 Nações Unidas. (2011). *Guiding Principles on Business and Human Rights*. Escritório do Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos. http://www.ohchr.org/Documents/Publications/GuidingPrinciplesBusinessHR_EN.pdf
- 89 Isso deve incluir todos os elementos da remuneração, como benefícios, opções de compra de ações, etc.
- 90 De acordo com as Convenções da OIT nº 102 (http://blue.lim.ilo.org/cariblex/pdfs/ILO_Convention_102.pdf) e 202 (http://www.ilo.org/secsoc/areas-of-work/legal-advice/WCMS_205341/lang--en/index.htm)
- 91 Isso deve levar em conta formas de garantir que todos os países possam cumprir seus compromissos assumidos no âmbito dos ODS, reduzir sua dependência da tributação regressiva e definir adequadamente seus gastos públicos, ajudando, assim, a eliminar o fosso da desigualdade.
- 92 E. Sahan. (2017). *Oxfam's Future of Business Initiative: Promoting equitable businesses and fourth sector development*. Oxfam. <https://www.oxfam.org/en/research/oxfams-future-business-initiative>
- 93 Café Direct. <https://www.cafedirect.co.uk/about/>
- 94 Princípios de Empoderamento da Mulher. <http://www.weprinciples.org/>
- 95 OIT. Conventions and Recommendations. <http://www.ilo.org/global/standards/introduction-to-international-labour-standards/conventions-and-recommendations/lang--en/index.htm>